

5. Mulheres chefes de família: nas tramas do cuidado e da provisão

Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o beco para a liberdade se fazer.

(Guimarães Rosa, 1980)

5.1. Trajetórias, permanências e recomposições

A família é uma referência importante no universo das classes populares e por isso torna-se fundamental conhecer qual o significado que as mulheres chefes atribuem a família. Nesse ponto, nos apoiamos em Henri Lefebvre apud Martins (1996) e Lutfi et al. (1996). Preocupado com a construção do conhecimento, este filósofo resgata as representações como mediações que interpretam e, ao mesmo tempo, interferem nas escolhas dos sujeitos. Desse modo, entendemos que o cotidiano está saturado destas representações e só podemos distinguí-las pela análise (LUTFI et al., 1996, p. 89).

Apesar de terem vivido em suas relações familiares diversos conflitos ligados a desigualdades, violência doméstica e pobreza, os discursos das entrevistadas relacionam a família com sentimentos de amor e união, a despeito das tensões inerentes ao grupo familiar.

Família... é igual eu, meus três filhos, ele, ser unido, um ajudando o outro, vivendo bem com o outro sem agressão, sem briga, sem miséria dentro de casa, e isso tudo aconteceu na minha vida. [...] Que eu tentei fazer uma família com ele (o ex-companheiro) e não deu, acabou. Minha família agora é eu, meus filhos. (Patrícia, 28 anos, três filhos).

Olha, família é a base de tudo! Eu acho que uma criança ao nascer não ter uma base familiar estruturada pode não ter financeiramente, mas, se não tiver uma base, baseada no amor, na união, aquela criança pode ser, mas, não tem estrutura para encarar o mundo cruel (Judite, 56 anos, 4 filhos, 3 netos).

Família, acho que a minha família é os meus filhos é a minha vida, porque a única coisa que eu tenho são eles, se eu não tivesse eles eu acho que eu tinha morrido! Minha família é eles. (...). Quando a minha filha vira para mim e diz mamãe eu te amo tanto. Isso que me dá força (Ana, 28 anos, dois filhos).

Estas representações (igualdade, amor, união), ensina Lefebvre apud Lutfi et al. (1996), são necessárias, todavia nem verdadeiras nem falsas em si mesmas. Tendo em vista a força do modelo idílico de família estas representações são ambíguas. São ao mesmo tempo falsas, dado o descompasso entre o modelo e a realidade (cotidiano de violências e desigualdades na família), e também verdadeiras na medida em que apontam para a busca de um desejo, uma utopia. Apoiados na obra do filósofo, Lutfi et al. esclarecem que

[...] somente através de uma reflexão e, ao relacioná-las com as condições de vida daqueles que as produziram, que se lhes pode conferir status de verdade ou mentira. Elas não são nem falsas nem verdadeiras, mas, ao mesmo tempo, falsas e verdadeiras: **verdadeiras como respostas a problemas 'reais' e falsas na medida em que dissimulam objetivos reais** (1996, p.95 - grifo nosso).

Muito mais preocupado em investigar do que explicar, Lefebvre apud Lutfi et al. (1996) propõe o desvendamento das formas de substituição e deslocamento que ocorrem nas representações. Nisto está implícito considerar a sua gênese e a genealogia.

[...] gênese histórica, global, abstrata, ligada à história geral da filosofia e da sociedade e também genealogia, ou seja filiações e reencontros concretos, desvios e atalhos, influências. Só pela teoria pode-se escapar das representações enganosas que fascinam e trabalhar com aquelas que apontam para o novo, que contem o possível (LUTFI et al., 1996, p. 90).

Na busca do possível, daquilo que se apresenta como vivido, encontramos distintos arranjos familiares, os quais fogem a regra da família nuclear. Considerando a existência deste modelo que se apresenta como hegemônico, ainda persiste a idéia de que as unidades chefiadas por mulheres são símbolos da desorganização e de quebra de valores, especialmente nos casos de ruptura do laço conjugal (GONZÁLEZ DE LA ROCHA, 1999). Tendo em vista o caráter contraditório das relações sociais, não se pode negligenciar os mecanismos de dominação que estão por detrás da visão estigmatizada sobre as famílias chefiadas por mulheres.

Nesta aproximação do que seja a família para as mulheres entrevistadas é importante considerar que no âmbito do discurso, as relações familiares tendem a se manter dentro de uma lógica de harmonia que se conforma com o ideal social de solidariedade. Essa aparente reciprocidade faz com que o uso do parentesco a

partir da genealogia e da consanguinidade muitas vezes se restrinja às situações oficiais (FAUSTO NETO, 1984). A noção de família nas classes populares está associada com aqueles que se pode contar. As explicações de Judite, uma das chefes de família entrevistada, esclarecem bem o que estamos querendo dizer.

[...] quando eu disse a você que minha família se resume nos meus filhos e nos meus netos, os dois filhos mais velhos não, principalmente esse de 38 anos, que ele aos 20 anos de idade, ele quis me matar, ele tentou me agredir, foi necessário eu pegar uma faca para botar ele pra correr, então, a gente não se fala até hoje, ele não me procura e nem eu o procuro (Judite, 56 anos, 4 filhos, 3 netos).

Nessa perspectiva, o vínculo de sangue não basta para definir os parentes. A noção de obrigação torna-se essencial para a idéia de parentesco que supera os laços consangüíneos. Observamos esta tendência no discurso de Flávia que não conta nem com a ajuda da mãe biológica nem com os irmãos. Durante a entrevista, só depois percebemos que quando a entrevistada relatava o período em que morava com a mãe, na verdade Flávia se referia à avó, a pessoa pela qual foi criada. A chefe de família se queixa da mãe biológica não ter ido visitá-la na ocasião do parto do segundo filho.

Essas passagens abrem a possibilidade de se pensar as relações sociais e as relações na família baseadas em lógicas não racionais. Valores e sentimentos estão presentes e não somente interesses puramente instrumentais.

A singularidade das experiências de mulheres chefes de família está vinculada aos percursos que levam estas mulheres até a monoparentalidade. Ao não ser um estado fixo, a monoparentalidade, deve ser apreendida no seu movimento e no ritmo das relações que se constroem e se desfazem. Ao falarmos de percursos e trajetórias, o processo de monoparentalidade torna-se marcado pelos diversos contextos sociais. Nesse ponto, alguns aspectos importantes são: o seu caráter aberto, a durabilidade e a seqüência de monoparentalidade. Este processo supõe vivências de relações, separações, recomposições de vínculos e dos sentimentos aí emaranhados. Analisar os processos que levaram as mulheres a assumir a chefia de suas famílias envolve um conjunto de diferentes fatores que articulados concorrem para a monoparentalidade. Como um grupo dinâmico e heterogêneo, vale destacar nestes percursos algumas singularidades presentes nos discursos.

São diversas as razões que levam essas mulheres a assumirem a responsabilidade por suas famílias. Observamos que no universo pesquisado, seja por separações, abandono ou viuvez, as trajetórias que levam até a monoparentalidade estão vinculadas com a saída do companheiro de dentro de casa. No processo que desencadeia a monoparentalidade, este fato tem um peso significativo, mas a responsabilidade pelo sustento se inicia durante a união.

Você começou a trabalhar quando? Depois que a minha filha nasceu [...]. Quando eu engravidei da Alice (filha da entrevistada), aí também ele (companheiro da entrevistada) não queria deixar eu trabalhar, e começou a complicar porque mais um filho, mais despesa e mesmo ela mamando no peito, tinha outras coisinhas, tinha que completar com mamadeira, aí eu comecei a vender Avon. [...] Aí no dia que ele (companheiro da entrevistada) me bateu, aí ele quebrou minhas coisas, rasgou os meus documentos tudo, tudo meu, começou a me perseguir no meu trabalho até que eu fui mandada embora. Aí na agência que eu trabalhava não quiseram mais me arrumar mais emprego porque ele me perseguia e aí o pessoal do mercado ligou para agência e falou o que estava acontecendo aí eles não me contrataram mais para nada (Ana, 28 anos, dois filhos).

É, no caso, você sabe como é que é a dificuldade né, e no caso assim, faltava as coisas [...] **Então, como você fazia?** Durante esse tempo pra sustentar casa era eu e a mãe dele (o ex-companheiro). Eu não fico sem fazer nada não. Só não trabalhava de carteira assinada. [...] **Como foi a separação?** Foi desgaste mesmo, acabou... Eu acho que foi mais também por causa assim, desemprego, ele ficou desempregado, eu também tinha que me virar né, pra fazer as coisas. Foi por causa disso. Não deixava eu trabalhar e tinha muito ciúme, muita coisa aí a gente preferiu um pra cada lado, um pro lado, outro pro outro. Ele tinha que se virar, mas ele não se virava (Cláudia, 35 anos, dois filhos).

Antes do rompimento, as chefes já estavam envolvidas com a manutenção da casa, especialmente no período de desemprego dos companheiros. A dimensão da provisão, portanto não se inicia com o afastamento do homem de casa. Para a maior parte das mulheres, a mudança mais significativa não foi a saída de um provedor, uma vez que em muitos casos esse marido/companheiro já estava desempregado. Para algumas mulheres, a presença masculina constituía até mesmo “*um atraso de vida*” e sua saída abre a oportunidade para outras experiências relacionadas ao crescimento e ao aprimoramento da própria mulher, sem o referencial da figura masculina.

Mudou alguma coisa na sua vida depois que ele saiu de casa? Mudou tudo, minha vida melhorou porque era pior com ele. Era um atraso, sei lá era tudo atrasado, tava num barracinho ainda, depois que ele foi embora, meus filhos foram crescendo, foram trabalhando melhorou muito a casa. Porque meu marido

mesmo, ele tem um atraso na vida dele que não é fácil, não ia muito pra frente não, era muito sem palavra (Elisabete, 60 anos, 6 filhos, 2 netos).

Ah, mudou! Saiu mais uma pessoa de dentro de casa, diminui mais a despesa.[...] Depois que eu me separei dele, eu me sinto mil vezes melhor. **Por quê?** Ah, porque não tem mais homem pra me mandar, pra me bater, me agredir. Eu fui muito agredida por ele. (Patrícia, 28 anos, três filhos).

Ah mudou bastante. O que eu não podia fazer antes, agora, posso fazer, cursos, aprimorar mais a vida também, tem mais conhecimento as coisas, entendeu. Para mim melhorou bastante, até fazer um curso, não podia fazer um curso de nada, não podia trabalhar. **Ele era ciumento?** Não que fosse ciumento o que ele alegava que era as crianças, eu não podia trabalhar por causa das crianças, não podia fazer curso por causa das crianças, na época as crianças eram pequenas. (Marisa, 31 anos, dois filhos).

Idealmente o homem como provedor, além de trazer o dinheiro para o lar, não deve gastá-lo no jogo e muito menos na bebida (SARTI, 2007), pois perde sua moral. No entanto se ele bebe ou joga, mas trabalha e provê a casa, a condenação se relativiza através do entrelaçamento entre a moral do trabalho e a moral da família e a mulher ainda permanece unida por algum tempo, embora insatisfeita.

De bom só ficou minhas filhas. Desse relacionamento só minhas filhas ficou de bom. Porque ele bebia... Era boa pessoa sem bebida, não deixava faltar nada pras minhas filhas. Mas só que o que estragou ele foi a bebida, aí ele me batia, as crianças... não sinto falta nenhuma (Vilma, 56 anos, 3 filhos, seis netos).

O processo de separação das mulheres não está relacionado a uma única razão, mas sim a uma conjugação de fatores. As mulheres não se separaram unicamente pelo fato do companheiro não colaborar com as despesas da casa. Este é um fator que pesa, mas em conjunto com outros motivos. Foi interessante perceber que embora a mulher aponte uma razão para o rompimento, no desenrolar de sua trajetória outras questões se articulam para desencadear o rompimento da união.

Para nove entrevistadas, a monoparentalidade está associada com a saída do companheiro (separação e viuvez,) e uma chefe não teve episódio de coabitação, pois estava na condição de “amante”⁵⁸ sendo abandonada ao final do relacionamento. No universo pesquisado (10 mulheres) identificamos: (I) cinco casos com relatos de violência doméstica, (II) quatro chefes que viveram

⁵⁸ Estamos utilizando o termo que foi dito pela entrevistada.

episódios de traição e (III) duas mulheres que apontam o alcoolismo e as drogas como fatores importantes para o rompimento. Os fatores se sobrepõem uns aos outros, fato evidente no discurso de Patrícia que inicialmente apontou o desemprego do companheiro como um motivo para a separação, mas na seqüência da entrevista a mesma vai revelando outros fatos importantes que reforçaram esta decisão.

E toda a discussão que a gente tinha, ele me agredia [...] O motivo das agressões era sempre trabalho. Falava pra ele, jogava na cara dele mesmo “Eu não sou obrigada a ficar te sustentando, eu trabalho pra caramba, eu chego em casa você...”, às vezes eu chegava em casa tarde, e ele não dava banho nos meus filhos, ficava na rua soltando pipa embaixo de sol, e a casa bagunçada, meus filhos jogados! Aí eu falei “Não dá mais, não dá”. Foi quando eu falei pra ele que não dava mais. [...] **E vocês ainda não tinham se separado?** Não. Por causa dos meus filhos. Eu achava que se eu separasse dele, meus filhos iam sentir muita falta, entendeu. Aí, também eu acostumei viver com ele, eu tinha raiva dele, mas gostava de ter uma pessoa morando comigo, mesmo ele trabalhando ou não trabalhando, é um jeito de me defender (Patrícia, 28 anos, três filhos).

Na seqüência, a entrevistada revela:

[..]o quarto que a gente morava era muito pequenininho. E nesse dia a panela de feijão fervendo caiu em cima da minha filha quando ela tinha dois aninhos. É, porque tinha que estar tudo imprensado no chão, não cabia uma cama de casal, não cabia uma cama de solteiro. [...]Aí ela esbarrou no fogão, balançou a panela veio tudo em cima dela! Então aquilo ali pra mim foi quase uma morte! [...]Aí, veio na minha cabeça de botar ele pra fora de casa, já que ele não queria nada, tinha que mandar ele embora (Patrícia, 28 anos, três filhos).

Tão importante quanto apontar as tendências ou certa condensação de experiências na pesquisa qualitativa é recomendável estar atento às falas que se apresentam destoantes desse conjunto. Se para muitas chefes, a saída da figura masculina representou um alívio no cotidiano, para Flávia, após a separação a vida tornou-se mais complicada.

Você acha que a sua vida mudou depois que ele saiu? Depois que ele saiu, mudou. **Mudou como?** Mudou muito porque com ele, poxa a gente passava necessidade mas nem tanto como a gente passa agora. Tem dias lá em casa, que a gente não tem nem pão pra tomar café de manhã entendeu? Eu tenho que sair pra rua, pra poder fazer alguma coisa, sei lá, lavar roupa de alguém, passar roupa de alguém, pra poder comprar as coisas né? Aí tem pessoas também que me ajuda muito né, meus vizinhos também, de vez em quando eles me ajudam. (Flávia, 27 anos, 3 filhos).

Nesse caleidoscópio de experiências, as trajetórias que levam a mulher até a monoparentalidade influenciam profundamente no modo como enxergam, lidam e significam a chefia familiar feminina. Considerar a realidade como ambígua e polimorfa implica em tomar consciência das ambigüidades intrínsecas ao modo de interpretá-la.

Apesar da presença de posturas mais conservadoras, as mulheres entrevistadas revelam um outro lado, uma face diferente dos tradicionais ‘papéis’ reservados às mulheres. Ao assumirem o comando de suas famílias, as mulheres rompem com a clássica divisão que coloca a mulher na posição de dependência e atribui ao homem a função de provedor. Entendemos que está colocado um leque de limites e de possibilidades para as mulheres. O rompimento com um determinado modelo de relações entre os gêneros é uma dessas possibilidades.

Das experiências das mulheres chefes extraímos significados importantes frente ao jogo das estruturas que formatam os gêneros. As rupturas não são radicais, uma vez que o movimento do cotidiano é permeado por pequenas rupturas expressas nas ações dos sujeitos, como no caso de Cláudia quando relata como é a vida após a separação.

Ah, a minha liberdade! Porque se eu tivesse casada com ele eu não poderia fazer... não poderia por exemplo, sorrir pra ninguém, brincar com ninguém, que tudo ele achava que era meu namorado, meu amante entendeu? Tudo ele achava que eu já tava dando confiança. Se eu desse um sorriso pra um homem, eu já estava dando confiança para aquele homem. Então a liberdade, a liberdade tá acima de tudo entendeu? (Cláudia, 35 anos, dois filhos).

O exame das experiências das chefes de família mostra o quanto opressão masculina é insuficiente para apreender a dominação como uma relação dialética (PERROT & FARGE, 2001). À medida que, através dos discursos, nos aproximamos dessas experiências entendemos que a questão principal não é a dos limites da experiência, mas a maneira de alcançá-la ou produzi-la, uma vez que o movimento de mudança se faz no cotidiano e não em um evento público. A experiência emerge espontaneamente no cotidiano das entrevistadas, mas não surge sem pensamento. Surge porque elas refletem sobre o que acontece no seu mundo, sobre a liberdade que não possuía como no caso acima. Discursos como os de Cláudia nos mostram as pressões que a experiência exerce sobre a

consciência social e propõem novos posicionamentos aos sujeitos (THOMPSON, 1981).

No prefácio da *Formação da Classe Operaria Inglesa*, Thompson (1987), afirma que a classe constitui-se no “fazer-se da História”. Quando nos dispomos a compreender, a partir da experiência, os processos que levaram as mulheres a assumir a chefia de suas famílias, temos como objetivo ouvir seus discursos, suas vozes. Para isso, o “fazer-se da História” torna-se um referencial fundamental, pois “assim como o ser é pensado, também o pensamento é vivido” (THOMPSON, 1981, p.17). Dessa forma, para conhecer como as mulheres experimentam a condição de chefia, cabe primeiro perguntar: **a família precisa de um chefe, de um comando ou de alguém que dê uma direção?** Será que elas se consideram chefes de suas famílias?

Você acha que a família precisa de um chefe? Eu acho que deve sim ... eu na minha casa ‘mermo’ eu sou o chefe, eu sou pai e mãe (...), porque ele é minha responsabilidade, e o pai não tá nem aí pra ele. Não é verdade? O pai não tá nem aí pra ele. (Tereza, 48 anos, um filho).

Acho que tem que ter uma cabeça para ser uma família estruturada. **E você acha que essa pessoa deve ser quem?** Eu, porque eu sou sozinha sou o pai e mãe. (Neuza, 34 anos, 4 filhos)

Tem. Tem que ter alguém para guiar. A mãe em si, mesmo o pai estando presente, é a mãe que guia a família, por que o marido sai de manhã para trabalhar e os filhos ficam sob a guarda de quem? Da mãe. É a mãe que vê horário para escola, horário de almoço, banho, brinquedo e tudo. Então, o homem, simplesmente, é o adjunto, mas, a liderança total é da mãe, sempre é. Essa é a minha visão, entendeu? **Então, a senhora acha que a família precisa ter alguém que dê uma direção?** Sim, embora tendo o homem e a mulher dentro de casa, a família, vai ser sempre governada por uma mulher, por que o homem por sair de manhã e retornar à noite, ele não quer participar da vida do filho, ele não quer saber com quem o filho anda, ele acha que é homem tem que largar no mundo, a mãe se preocupa, o pai não faz isso (Judite, 56 anos, 4 filhos, 3 netos).

Essas três chefes (Tereza, Neuza e Judite), juntamente com mais duas (Vilma e Elisabete) responderam positivamente quando perguntávamos sobre a necessidade de um chefe na família. Para estas cinco mulheres, a família precisa de um chefe sim, e essa pessoa é a própria entrevistada porque *ela é o pai e mãe*. Isso nos leva acreditar que talvez caso o homem estivesse presente, ele poderia ser considerado o chefe. Mas o que chamou a nossa atenção é o fato de que diante da ausência masculina, a chefia está centrada na mulher-mãe, na figura materna de

cuidados e preocupações com a casa e com os filhos. Assim, a chefia para essas mulheres está relacionada a uma autoridade que pertence à mulher a partir da sua condição de mãe e dona-de-casa. Ela é quem sabe o que a família precisa, porque o homem, segundo as entrevistadas, não se importa com estas questões.

No discurso de Flávia é evidente a recusa da denominação ‘chefe’ pois a palavra ainda é freqüentemente associada à figura masculina. Por essa razão, a mesma afirma que a família não precisa de um chefe. Todavia, a entrevistada assume a chefia da família mediante a concepção de mulher-mãe e o desempenho de determinadas funções necessárias à família, as quais, na opinião da entrevistada, o homem não faria.

Ah, não. Se tiver uma mãe, uma mãe que é uma mãe de verdade, não precisa de homem não, não precisa de homem. Não precisa de homem pra comandar a família, não precisa. Eu não preciso. **Você se considera chefe da sua família?** Eu me considero chefe de família, porque o que eu faço, nossa. Porque eu faço... pra mim, homem não faria o que eu faço entendeu? **Por quê?** Homem não faria o que eu faço porque sei lá, ia ter vergonha. Homem, levanta de manhã, tomar café e trabalhar. Mulher não, mulher senta, pensa no que ela vai fazer, é faxina, é lavar banheiro. Eu acho que homem não ia fazer isso. (Flávia, 27 anos, 3 filhos).

Além de Flávia, três entrevistadas (Cláudia, Marisa e Patrícia) responderam que a família não precisa de chefe e uma (Ana) respondeu que sim. Concordando ou não com a necessidade de um chefe, estas cinco mulheres recusam o fato da família estar subordinada ao comando de uma única pessoa. As mulheres desse grupo sugerem um acordo, uma divisão ou uma concordância entre o homem e a mulher na condução da família. Neste ponto, é possível identificar uma possibilidade de mudança de valores. Deste grupo destacamos abaixo as falas mais significativas.

A família precisa de um chefe? Eu creio que não. Precisar precisa. É o que eu falei tem que ter acordo. Sentar conversar é o que ele não fazia, eu sentava conversava posso fazer, ele falava que não podia. Era ele que determinava (...). Eu acho que não tem que ter uma pessoa que determine o que deve ser feito, tem que ter concordância. Conversar senão não se entendem. (Marisa, 31 anos, dois filhos).

Acho. **E você acha que na família essa pessoa deve ser quem?** Teria que ter os dois, o pai e a mãe em acordo, mas com carinho (Ana, 28 anos, dois filhos).

Mesmo apostando em uma concordância, uma perspectiva mais igualitária, as mulheres se consideram as chefes de suas famílias, pois assumem todos os cuidados da família, especialmente aqueles que dizem respeito aos filhos.

Você se considera chefe da sua família? Me considero porque se não fosse eu como que ia ser meus filhos (...) levar para o médico, na escola. Ser responsável por tudo que você não imagina. É você lutar para que eles tenham da maneira que você pode tudo, que eles tenham um caminho, aprender a respeitar, você tem que tomar a frente a rédea de tudo, educar, ensinar os valores da vida, botar o sustento dentro de casa, pagar as contas, ouvir o que eles tem para falar, tudo, tem que ser paciente, a responsabilidade por tudo, ouvir você tem para quando eles estiverem maior ,eles não irem para o caminho errado (Ana, 28 anos, dois filhos).

Eu que organizava, que hora comprar um presente, que hora comprar uma roupa, mesmo com o marido do lado, eu que organizava o orçamento da casa, ele corria atrás para colocar dentro de casa, mas era eu que determinava isso vai para a prestação, isso é pras compras da casa, esse é para o final de semana pra gente passear. [...] Por machismo ele não admite que é a mulher que determina, ele acha que ele dando casa, comida é o bastante, que ele não tem que se preocupar com nada, ele tem que se preocupar em trabalhar e dar, o resto é dele, já nós mulheres, não. A gente pensa em tudo, nós pensamos no amanhã, o homem não (Judite, 56 anos, 4 filhos, 3 netos).

Eu me considero sim, me sinto uma mulher guerreira, muito! Às vezes eu me emociono de falar isso, porque no “dia dos pais” a coisa mais linda é a minha filha de oito anos, pegar uma rosa e me dar. “Toma mãe, a senhora é meu pai e minha mãe”! Eu achei aquilo lindo. (Patrícia, 28 anos, três filhos).

Destacamos nos depoimentos, a condição de mulher-mãe como aquilo que legitima a chefia dessas mulheres. É pela maternidade que as mulheres dão significado e assumem a chefia de suas famílias.

A dimensão do cuidado é algo bastante significativo para chefes. Desse modo, a provisão encontra sentido na medida em que traz benefícios para o grupo familiar como um todo, especialmente para os filhos. As entrevistadas se consideram chefes de suas famílias porque o vínculo mãe-filhos simbolicamente lhes dá esta autoridade. Esse aspecto foi observado tanto no grupo que considera que a família precisa de um chefe, como nas mulheres que discordam de um comando único no grupo familiar.

5.2.

Ser chefe e mãe de família: as dimensões do cuidado e da provisão

Ao se assumirem como chefes de suas famílias, as mulheres acumulam uma dupla responsabilidade: o cuidado da casa e das crianças e o sustento material da família. Conforme nos lembra Barroso & Bruschini

É preciso não esquecer que as mulheres chefes de família costumam ser também ‘mães-de família’: acumulam uma dupla responsabilidade, ao assumir o cuidado da casa e das crianças juntamente com o sustento material de seus dependentes. Essa dupla jornada de trabalho geralmente vem acompanhada de uma dupla carga de culpa por suas insuficiências tanto no cuidado das crianças quanto na sua manutenção econômica. É verdade que essas insuficiências existem também em outras famílias, e igualmente é verdade que ambas têm suas raízes nas condições geradas pela sociedade. Porém, esses fatores sociais são ocultados pela ideologia que coloca a culpa na vítima, e o problema se torna mais agudo quando as duas vítimas são encarnadas por uma só pessoa (BARROSO & BRUSCHINI, 1981,p.40).

Na condução das famílias, se tomarmos em separado, a dimensão do cuidado da casa e das crianças compreende suprir as necessidades de atenção dos filhos e a organização da casa. Para tanto, as mulheres articulam um suporte através das redes sociais que incluem os vizinhos, parentes, amigos, madrinhas, a igreja, a escola e outros serviços de proteção primária e secundária (COSTA, 2002). Dependendo das tramas e das relações que são costuradas no cotidiano, as chefes viabilizam este cuidado de diferentes maneiras: em algumas situações este suporte atende às necessidades da família e em outros casos, a conciliação se mostra insuficiente, especialmente quando os filhos menores permanecem sozinhos enquanto a mãe está trabalhando ou quando uma outra criança mais velha se responsabiliza pelos demais.

A responsabilidade de chefiar uma família não altera muito a dimensão do afeto e do cuidado, uma vez que as chefes de família já estavam profundamente ligadas aos filhos, pois eram responsáveis pelos cuidados e afetos, mesmo antes da vivência da monoparentalidade. Inclusive, no caso das chefes de família que são avós, apesar de se encontrarem em outra fase do ciclo familiar, a mulher continua desenvolvendo atividades de cuidados que estão relacionadas a maternidade. Seu ‘papel’ é fundamental, nas situações em que há desavenças entre os pais da criança. A avó é a pessoa que realiza a intermediação principalmente quando é preciso reivindicar alguma contribuição por parte do pai dos netos. Na

dimensão do cuidado, as mulheres valorizam ao extremo o carinho maternal, assumindo o posicionamento de uma mãe que não mede esforços para satisfazer as necessidades dos filhos. Não é incomum, nesses casos que tais necessidades sejam colocadas em primeiro plano em detrimento das necessidades e desejos das próprias chefes.

Na condição de chefe, além da função do cuidado, está posta a tarefa de arcar com o sustento do lar, ser a única responsável pela manutenção econômica. Nesta articulação observa-se que a dimensão da provisão é viabilizada, embora de maneira precária, através de três fontes principais: o trabalho precário e instável, os programas de assistência social e as redes de ajuda que aparecem mais uma vez. Nesse ponto, não existe nenhuma idealização ao assumir a chefia da família, pois o discurso dessas mulheres mostra trajetórias de vida com muitas dificuldades. Uma leitura crítica sobre pobreza e famílias chefiadas por mulheres vai defender a importância de se conhecer a complexidade destes arranjos e as múltiplas respostas que são desenvolvidas diante das dificuldades. Para esta pesquisa foi importante investigar a participação em redes de solidariedade, as formas de inserção no mercado de trabalho e o vínculo mantido ou não com o pai das crianças. Este é um fenômeno que não pode ser “pintado em preto e branco”. Trata-se de uma complexa articulação, de condições de vida que não cabem em estereótipos (GONZÁLEZ DE LA ROCHA, 1999).

Ao integrarem o conjunto da classe-que-vive-do-trabalho, a provisão para essas mulheres não é uma função de todo estranha. O que esta pesquisa identificou como uma tendência nos discursos é que esta experiência se complica quando estas duas dimensões, a provisão e o cuidado se fundem em uma única pessoa: a mulher/mãe trabalhadora.

Como um fenômeno dialético, a chefia feminina na família traz diversas contradições especialmente quando observamos que o significado da articulação cuidado/provisão se expressa através de ganhos de independência feminina e novas responsabilidades. Aí está posto o desafio das chefes de família monoparentais: assumir simultaneamente a provisão do domicílio e o cuidado da família. Esta conjugação pode assumir para algumas mulheres os contornos de uma sobrecarga, dificuldades e conflitos diante da insuficiência de equipamentos públicos de proteção social e da dificuldade de integrar os ‘papéis’ de mãe e trabalhadora.

E como é administrar tudo isso ao mesmo tempo? É complicado, às vezes a gente (...) às vezes não tem chão, fica difícil, é tudo em cima de mim, tudo, tudo. **Como você se sente?** Sobrecarregada, porque é difícil(...) é difícil um filho pegar e dizer mãe eu quero uma boneca e eu não tenho dinheiro para comprar. O meu filho (...) pediu um biscoito e eu não ter e eu também não posso comprar (...) é chinelo, remédio, roupa que precisa tudo. (Ana, 28 anos, dois filhos).

Como é que é criar as crianças assim? Ah, é bom entendeu? Por um lado é ruim porque sente a falta do pai, dele. De vez em quando é bom entendeu, ficar sozinha, de vez em quando é bom, mas de vez em quando também não é bom ficar sozinha não. **Você tem vontade de dividir assim, essa responsabilidade?** Tenho. [...] Às vezes pesa. Colega, às vezes pesa muito, às vezes pesa muito, muito mesmo! (Flávia, 27 anos, 3 filhos).

É, porque tudo sou eu né? É médico, escola, faço obrigação de dentro de casa, é tudo sou eu né, mãe, mãe. “Mãe, tem que fazer isso”, “Mãe, tem que ir na escola”, “Tem que ir na reunião”, “Mãe, tá faltando isso”. **Como você se sente?** Cansada, não vou te enganar não, sinto, mas é minha obrigação, né? Se eu não fizer por eles, quem vai fazer? E, se eu não fizer por eles hoje, e amanhã? Às vezes eu fico pensando (Cláudia, 35 anos, dois filhos).

É difícil né, é difícil, mas para Deus nada é impossível né, nessa vida tendo saúde. Vamos que vamos. É nervoso né vou fazer biscate, chego cansada tem que ensinar eles no dever, mãe isso aqui não entendi, tem que ser pai, mãe, psicólogo (Marisa, 31 anos, dois filhos).

Por outro lado, o fato de comandar suas vidas, uma experiência até então desconhecida contribui para a conquista de novos ganhos, novos saberes. Sem dúvida as mulheres assumem posições importantes na administração dos recursos e nas decisões da família, algo pouco freqüente no período em que viviam com os companheiros. As mulheres podem pensar em cursar o nível superior como no caso de Judite ou proporcionar aos filhos uma profissão como nos contou Elisabete. Esta entrevistada se orgulha de todos os filhos terem concluído o ensino médio e da filha mais velha cursar a faculdade de Biologia. Na independência, algo que se conquista dia a dia, as mulheres descobrem os custos e os benefícios da chefia feminina na família.

Graças a Deus, [...] eu consegui dar a todos eles o segundo grau, todos eles, tem dois que eu paguei o ALBI, era o melhor colégio de Caxias. Não foi nada fácil (Elisabete, 60 anos, 6 filhos, 2 netos).

[...] Lá em casa eu sou tudo, eu sou tudo lá em casa. Quando quero alguma coisa, eu tenho que acertar. Quando acaba o gás eu tiro o gás, eu boto o gás. Quando a luz queima eu tenho que subir pra poder consertar o fio que soltou. Não chamo nem o meu ex-sogro... Não, não incomodo ele pra nada [...] Tem gente que fala pra mim: “ Você precisa arrumar uma pessoa pra poder ajudar

“você, pra você descansar”. Eu falei assim: “Não, mesmo se eu arrumar alguém pra me ajudar, eu vou continuar trabalhando. Eu gosto de trabalhar, eu gosto de lutar. Porque acha que eu não tenho marido, eu não tenho valor entendeu? (Flávia, 27 anos, 3 filhos).

Esse tipo de vida não quero nunca mais [...] Eu sou realista, minha querida, eu procuro viver o presente, então, eu encaro isso da seguinte forma: ter um homem para querer me fazer de ‘Amélia’, eu não! Quero para somar e dividir não, e esse é meu lema, que até agora graças a Deus estou me dando bem, quando eu vejo que alguém está querendo se encostar, eu mando embora. Há uns dois anos atrás, conheci uma pessoa, que, passou a frequentar minha casa. Na primeira vez, entrou tomou um café, jantou e foi embora, já no terceiro dia chegou e disse: “Oh, D. Maria faz um café”. Mas não trouxe nada, estava bebendo e comendo o que eu tinha colocado dentro de casa, aí, eu disse: o café acabou. Ele disse: eu não posso fazer nada, tô sem dinheiro. Aí eu disse: “De hoje em diante, nada feito, pode ir embora”. Porque eu senti que ele estava querendo me explorar, com três dias que me conhecia, já queria me mandar, consumir o que eu tinha colocado, e é isso que eu ensino pra minha filha, você tem que arrumar alguém que some, para subtrair e dividir, não (Judite, 56 anos, 4 filhos, 3 netos).

Se ao mesmo tempo, as mulheres chefes rompem com o modelo tradicional de família quando não dependem financeiramente dos maridos, elas também sustentam valores mais tradicionais no que diz respeito à maternidade, cujo significado e sentido da própria vida gravitam em torno dos filhos (MENDES, 2005; SALEM, 1981; WOORTMANN, 1987; ZALUAR, 1994). As expectativas acerca da maternidade estão fortemente associadas com os processos de socialização da mulher centrados no “cuidado com o outro” (TRONTO, 1997). Nesses termos, a preocupação da mulher consigo mesmo é considerada como abandono da família.

[...] a mulher não tem liberdade para admitir seus interesses e anseios, e agir para sua satisfação. [...] Ela não deve negligenciar as necessidades da família, não deve aceitar um emprego, não pode ser emocionalmente instável, fisicamente indisposta, irritada ou desinteressada de suas obrigações. Se o fizer, e sua família desintegrar-se, o peso total da responsabilidade recai sobre a sua traição de seu papel – um papel rígido, que não lhe dá muita margem para crescer e desenvolver-se livremente, sinceramente, e sem grandes penas. (BUTLER, 1979, p.99).

A valorização do cuidado como atributo natural exclusivo das mulheres reforça que as necessidades dos filhos estão à frente das necessidades da mulher. Os seus discursos revelam a mulher-mãe como um “ser para os outros”, enquanto o sujeito-mulher permanece secundário, pois seu lugar passa a ser construído a

partir da posição que ocupa na família: a de mãe. A representação da verdadeira mulher como ‘mãe’ é a imagem presente no cotidiano das chefes entrevistadas.

Meus filhos, não é nem comigo, não gasto nada comigo, meus filhos, eles não pediram para vir ao mundo, enquanto tiver viva vou criar eles, enquanto tiver viva vou continuar criando (Neuza, 34 anos, 4 filhos).

[...] Quando eu deixava eles doente, eu saía chorando. Todos eles me dão muito valor agora, valeu a pena. Fim de ano, Natal, às vezes as minhas amigas tudo trabalhavam, elas compravam vestido, mas eu não comprava nada pra mim, eu deixava pra comprar pra eles, e durante muito tempo eu nem vivi a minha vida, vivia a deles. Tudo eu deixava pra eles, tudo eu comprava pra eles, até compras, né, se eu for comprar pra mim vai fazer falta pra eles (Elisabete, 60 anos, 6 filhos, 2 netos).

[...] eu tô falando pra você, eu deixo de comprar às vezes uma calcinha, um chinelo pra mim, um negócio de cabelo, porque isso é um pouco *vaidade* também, mas eu não vou te enganar não, mas às vezes eu também eu compro, compro um creme porque eu também preciso, um perfume também preciso. Mas, mais pra eles do que pra mim. É no último caso pra mim. O lado mãe vem na frente. Sem dúvida. A Cláudia é em último caso, o ‘eu’ fica depois entendeu? Eles primeiro, o ‘eu’ depois (Cláudia, 35 anos, dois filhos).

Não sei, não sei. [...] a força que eu tenho, não sei da onde vem. Acho que é por meus filhos. Meus filhos em primeiro lugar. Não tenho nem tempo de me ver. Não tenho nem tempo de ir no salão fazer o cabelo, não tenho nem tempo de fazer minha unha, não tenho nem tempo de chegar numa loja e comprar um vestido pra mim (Flávia, 27 anos, 3 filhos).

Nas passagens acima, a *vaidade* implica em uma individualidade considerada como irresponsável, porque se opõe à necessidade e afeta a obrigação moral que rege as relações na família (SALEM, 1981; SARTI, 2007).

A idéia de que a mulher torna-se útil na condição de mãe ou de que a mãe deve ter dedicação exclusiva ao filho está presente nos discursos dessas mulheres. No trecho abaixo, a entrevistada imagina o crescimento dos filhos e pensa como seria sua vida sem a mediação da função de cuidadora.

[...] Queria que eles ficassem pequeninhos pra sempre, mas meus filhos vão ter que crescer igual a mim.... E eu? Será que eu vou ser bem tratada por eles [os filhos] ? Será que eles vão me dar valor? Fico pensando nisso tudo até eles crescerem. Penso tudo, já penso neles grandão já (Patrícia, 28 anos, três filhos).

O modelo hegemônico define uma mulher ‘normal’ aquela que cumpre sua função de mulher e de mãe de modo coerente. Espera-se que a mãe seja uma pessoa cuidadora, pouco importando se ela mesma está inserida em relações de desigualdades sociais e de violências. Aquelas que por diversas razões não

realizam esta ‘norma’ são as principais culpadas pelo ‘desequilíbrio’ da família. Para Santos Macedo (2008) a “ética do cuidado” ao ser supervalorizada faz com que o filho seja prioritariamente, objeto de cuidados da mãe. Para a autora, as ideologias de gênero se encarregam do resto e são

[...] a base para se entender o que vai definir a identidade primeira desse grupo – *mulher*, depois, *chefe de família*. Inclusive, é o principal fator que lhes define um ‘lugar’ no mundo: tornam-se chefes de família porque são *mães*, num contexto social que prevê um modelo de maternidade ou maternagem, socialmente construído, baseado na hipertrofia de suas responsabilidades parentais (Santos Macedo, 2008, p.396).

Badinter (1985) propõe que toda pesquisa sobre os comportamentos maternos deve levar a mãe em sua dimensão tridimensional. Para a autora, a mãe é uma personagem relativa, pois ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher e assim, um ser específico dotado de aspirações próprias, mas nosso entendimento diante do universo pesquisado é que este sujeito-mulher pouco aparece. Diante da crescente desresponsabilização dos pais pelos filhos, a maternidade para as chefes entrevistadas torna-se sua principal responsabilidade. Desta forma, as mulheres realçam suas qualidades na maternidade, pois este é um valor histórico e cultural incontestável, sendo socialmente aceitas e reconhecidas pelo fato de não abandonarem a prole e pelos sacrifícios em nome dos filhos.

Ah, todos eles (os vizinhos) sabem do meu sofrimento. Se você chegar assim “Ah, quem é Patrícia?”. Aí vai falar “Aquela moça ali”. “Quem sustenta os filhos dela?” Todo mundo vai te falar: “É ela que trabalha pra sustentar as três crianças” (Patrícia, 28 anos, três filhos).

Nesse raciocínio, o abandono do pai em relação aos filhos, não é tão malvisto, porém se a mãe toma a mesma atitude é considerada uma “*desnaturada, sem-coração*”. Para o homem a sanção é quase inexistente, **uma vez que o filho é visto como uma responsabilidade “naturalmente” atribuída à mulher.**

Primeiro lugar, não largo meus filhos, não sei como que essas **mães** conseguem deixar seus filhos, abandonar seus filhos e largar a criança ao nascer, numa lata de lixo. Eu acho que isso não é humanidade, porque eles não pediram pra nascer né, eles não pediram pra ser feito, então se fez tem que ter responsabilidade pra poder cuidar e criar. (Cláudia, 35 anos, dois filhos).

A importância dos filhos se reflete não só no destino dos recursos auferidos, como também, na preocupação de oferecer-lhe uma vida melhor do que a da própria chefe.

Dar uma vida melhor pros meus filhos, e crescer na vida, crescer como pessoa, sei lá, tentar dar uma vida melhor pros meus filhos, esse é meu sonho (Cláudia, 35 anos, dois filhos).

Eu não quero que meus filhos passem o que eu passei, quero que eles ‘passa’ só felicidade. O que eu perdi nos meus estudos eu quero ver minha filha subindo e muito. Eu tenho essa obrigação com eles, eles ‘crescer’ e eu cuidando deles, até quando der. (Patrícia, 28 anos, três filhos).

À maneira de Fonseca (2006) concordamos que no universo pesquisado os laços de sangue assumem uma superioridade diante da precariedade do laço conjugal. Os filhos têm prioridade quando a mulher pensa em assumir uma nova relação conjugal, uma vez que os filhos são bens simbólicos permanentes que estão além de relacionamentos afetivos passageiros, passíveis de substituição, de modo que “*o filho é para sempre*”.

[...] parente você pode até se dar com aquele parente, não falar com aquele parente, mas não é como filho, como mãe, como pai. Marido também não é como filho. O filho é pra sempre. Seu filho é pra sempre. Sei lá, pra mim meus filhos são tudo na minha vida (Cláudia, 35 anos, dois filhos).

Quando questionávamos as chefes de família sobre a possibilidade de um novo envolvimento amoroso, as mesmas afirmaram que

Não. Eu quero meus filhos. Eu não quero outra pessoa para passar pela mesma coisa que eu passei. Eu quero viver sozinha eu e meus filhos (Ana, 28 anos, dois filhos).

Você tem vontade de recomeçar com uma outra pessoa? Não. Nenhuma. **Por quê?** Ah, eu não sei nem dizer o porque. Não. Melhor assim. Quero ver meus filhos crescer, vê meus filhos ser pessoas de bem, que é o que eu quero pra eles. Fora disso, tá bom assim. Não sinto falta nenhuma, não sinto vontade nenhuma. Não tenho aquela obrigação mais. Companheiro, arrumar um companheiro que tenha, “ai, vai dar pros meus filhos”. Eu não tenho essa ambição, eu, to falando eu, eu poder dar pra eles, não outros vim e dar. Portanto, que eu não arrumei ninguém até hoje, e nem quero (Cláudia, 35 anos, dois filhos).

Apesar da importância da centralidade mãe-filhos nos casos examinados e do fato das chefes repetirem que não desejam um novo companheiro

consideramos que estas mulheres não evitam de todo um novo relacionamento, mas cuidam para que sua reputação não seja abalada. Nesse ponto, vale mencionar a presença de uma chefe que nos garantiu não possuir outro relacionamento (mas de fato o que nos pareceu foi uma tentativa de esconder um envolvimento amoroso diante da pergunta indiscreta) e o fato de que algumas entrevistadas ainda são jovens.

Não queremos com isso questionar a superioridade do vínculo maternal frente ao laço conjugal. Ele existe e é muito forte, conforme demonstram os discursos. Além disso, algumas mulheres “*deixaram escapar*” que tinham um “*namorado*” “*mas que não era nada sério*”. Nesse contexto, as decepções e desilusões com a experiência de coabitação conjugal colaboraram para evitar um envolvimento mais sério. Para não dar ‘mau-exemplo’ para os filhos ou perante a sociedade, a mulher não assume livremente a sexualidade. Esta postura mais comedida por parte da mulher é fruto das normas que reservam às mulheres dois estereótipos: o da mãe e o da prostituta (SWAIN, 2004). Esta cisão ideológica, entre função maternal e prazer sexual, colabora para que o exercício da sexualidade seja visto como coisa de ‘mulher safada’ maculando a posição de ‘mãe de família’. Assim, a representação da mulher como mãe organiza e delimita as práticas no tempo e no espaço.

Você tem vontade de poder dividir isso com uma outra pessoa? Tenho, mas tá difícil. Deus me livre. Não, não quero me envolver com mais ninguém assim, de casar e morar junto não. **Por quê?** Medo. Medo de me envolver com essa pessoa, (...) fazer o que ele fez comigo, vai fazer o pior. Isso que eu tenho medo. Namorar, vamos namorar assim, mas pra fora, dentro da minha casa não. Não gosto, dormir ali não, sei lá (Flávia, 27 anos, 3 filhos).

Assumir a provisão da casa e criar os filhos sozinha – ser o pai e a mãe, como elas mesmas dizem, traz para as entrevistadas um sentimento, ou a maneira de Sarti (2007) um código de honra feminina. “Ter o filho e conseguir criá-lo transforma-se, então, na prova de um valor associado à coragem de quem enfrenta as conseqüências dos seus atos: *sou muito mulher para criar meu filho*, um código de honra feminino” (p.75).

Se você vê o cartão de vacina dos meus filhos, não tem nenhuma vacina atrasada, graças a Deus, então mais uma coisa que me deixa feliz. Não atrasar a vacina porque as crianças têm que tomar, agora eles tem só a gotinha pra receber e mais nada. [...] E eu tenho orgulho de mostrar o cartão pra todo mundo. Tá tudo em dia.

Quando chega, esse negócio do bolsa família, eles vão e pedem o cartão, então acho aquilo ali bonito. Se tiver atrasada, já vai me dar um ‘esporro’, vergonha pra quem? Pra mim. Então, eu me sinto orgulhosa de ter terminado a vacina (Patrícia, 28 anos, três filhos).

E você tentou colocar na justiça a questão da pensão? Ele falou que ia sair do emprego. Se eu quis ficar livre então vou ter que manter, arcar com tudo, porque eu que vou ter que me virar. [...] Eu acho que não ia ser justo eu pegar os meus dois filhos e voltar para a minha mãe com mais dois, mais duas bocas, eu tinha que me virar eu tinha que correr atrás, porque não era responsabilidade da minha mãe era minha responsabilidade. Mesmo ela me ajudando a responsabilidade ainda é minha, eles são meus, não é dela (Ana, 28 anos, dois filhos).

No caso da mulher trabalhadora, o trabalho, subordinado a maternidade, confere a mulher uma autonomia moral análoga àquela reconhecida no homem/trabalhador/provedor. Ser trabalhadora, mesmo sem estar trabalhando, mas ter a disposição para trabalhar é uma referência fundamental. Prover a casa e criar os filhos significa muito mais do que provar para o ex-marido ou ex-companheiro que a mulher é melhor do que ele nesta função (SARTI, 2007). Em uma sociedade em que a família chefiada por mulher é vista como desestruturada, como algo que não deu certo ou como uma família incompleta, o sentimento de honra traz para a mulher a certeza de que é capaz de criar os filhos sem a presença masculina, um sentimento de dignidade, de afirmação, de fortalecimento e de auto-estima em sua vida.